



# TERRA CALADA

E OUTROS POEMAS DE DISTÂNCIAS





ALEXANDRE PILATI

TERRA CALADA  
E OUTROS POEMAS DE DISTÂNCIAS

**CARAVANA**

Belo Horizonte • 2023

Copyright © 2023, Alexandre Pilati

**Coordenação editorial**

Leonardo Costaneto e Olavo Romano

**Revisão**

Eloisa Nascimento Silva

**Imagem da capa**

“Sem título”, acrílica sobre papel, Henrique Moreira de Castro, 2023

**Capa e Editoração eletrônica**

Caíque Pereira de Sá Cavalcante

**Conselho Editorial**

André de Souza Pena (UFMG)

Bárbara Castelo Branco Monte (UNIFOR)

Elaine Martins (Cefet - MG)

Jucelia Souza da Silva (UFMS)

Leonardo Costaneto (Editor)

Márcia Letícia Gomes (FURG, Unir)

Olavo Romano (Editor)

Rodrigo da Costa Araujo (UFF)

Rogério Silva Pereira (UFGD)

Catalogação na Publicação (CIP)

---

P637t      Pilati, Alexandre  
Terra calada e outros poemas de distâncias /  
Alexandre Pilati. – Belo Horizonte : Caravana, 2023.  
56 p.

ISBN 978-65-5061-560-4

1. Poesia brasileira I. Título.

CDD: B869.1

---

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

*que servires a um povo de mortalha*

Castro Alves

*Se nos perdermos, eu estou na minha casa*

Maria Demaris Alves Simões



(Diante da página em branco, revejo a figura de minha mãe, que, a certa altura da vida, passou a lidar com a realidade através de outros vínculos, aceitando, como destinos seus, o exílio, a solidão, a distância. Preciso, para isso, de outra linguagem, vizinha da poesia, a qual ainda sou capaz de escutar, apesar de sua ausência, dispersa na vida cotidiana. É também o idioma que contemplo no seu pequeno caderno, que me restou como ex-voto ao futuro e biblioteca de versos. Escolho-a, a fala distante de minha mãe, como matéria e ponto de vista de boa parte dos poemas deste livro, cujas chaves são o seu – nosso – desespero e o Brasil. Não se sutura a distância, mas se pode, ainda calado, chamá-la de saudade e agradecer. A poesia tem forma de rosa.)

## 10 TERRA CALADA

- 11 Escala
- 13 Ainda sou capaz de revidar?
- 15 Labirinto
- 16 O fantasma da velha solene
- 17 Uma canção que ainda não aprendeu a sorrir
- 20 Brejo das almas
- 21 Na avenida W3
- 23 O aparecimento do pirilampo
- 24 O anfitrião anfíbio
- 26 Conseguimos conquistar com braço forte
- 28 Terra calada
- 29 A estrangeira
- 30 Conversa com a estátua
- 31 Deitada no jardim
- 33 Nó na garganta
- 34 O piano
- 35 Epílogo

## 36 OUTROS POEMAS DE DISTÂNCIAS

- 37 País
- 38 A rua do Merca-tudo
- 44 Luzes da ribalta
- 46 A beleza da tua recusa
- 47 A esperança
- 48 Com Pasolini em Ostia
- 50 Preguiça da ladeira
- 52 Aquele não é o Münchhausen?
- 53 Água de meus países
- 54 A risada de Andy Warhol
- 56 Previsão do tempo

**TERRA CALADA**

## Escala

se meço meu corpo  
descubro-o aquário  
ou chama de fósforo  
que a incerteza balança

desvelo-o típico  
suscetível à luz  
réptil natural e dúbio

ou seja: por agora  
moça parda  
pronta para a morte  
malgrado a vida  
solfeje cismada  
seu vento de linguagem  
a cada nuance  
de minhas arestas

se meço meu corpo  
me deito no ontem  
busco a raiz  
morena da história  
regulo o traço  
da boca da menina

e revelo-a avó e preta  
feito as antigas alegrias

de areia e nuvem  
concluo-me quase  
só sob espáduas  
de trabalho e espera  
pânico e desejo e sorte

estar é o tórax  
e seus etceteras

ser é o que se alonga  
o resto que empresto  
a quem passa  
em minhas peles

sou a fita de frutos vacilante  
que elabora tudo  
que não é meu corpo

este abandono  
é onde sou o melhor  
de mim sendo outros  
sem medida alguma

## Ainda sou capaz de revidar?

*But I'm getting better at  
admitting when I'm wrong  
B.E.*

dê-me não  
flores  
eu inventei outro jardim  
e a ironia me deceparam  
à última poda

o sol é bom  
frio embora e pouco

dê-me não  
chaves  
as cercas não nos prendem  
nem deitam limites suaves  
ao que à noite se opõe

por dar respeito às formigas  
que nos esperam  
será inevitável inumar  
o que morreu

a beleza e a juventude  
são cachorras domésticas demais  
e as deixamos em alguma sala de estar  
onde poses passeavam

estou cansada e velha  
como se tivesse de trazer  
o deserto ou o mar  
para debaixo da asa dos periquitos  
tanto trabalho

mas frágil  
amar  
inda posso

é sua boca  
o que amo em maior  
do mundo

sua boca capaz  
da palavra  
sarça

e talvez nossos filhos dia desses  
possam dizer a juntar tijolos  
– vejam, pais: a sarça ardente da tarde, ...

## Labirinto

eu peguei a lua com a mão  
e a trouxe perto o mais que pude  
de meus seios de aconchego torto

de seu coração de colombina  
era possível ouvir uma nota breve  
como aquelas que abrem uma série prolixa de  
[sonatas  
uma pequena nota de música em que a lua tímida  
suspirando dizia o que era o seu coração  
feito da seiva bruta dos vegetais macios  
que enchem o ambiente da mais clara juventude

eu achava que era assim

mas a lua me disse que não era nada disso  
que ela era só uma coisa cinza longínqua sem luz  
que eu a deixasse em paz de uma vez  
para que continuasse a andar sem chegar a  
[lugar algum  
a não ser aquele antigo endereço  
onde toda música  
é silêncio desejo mistério  
na imensa estufa calada do sistema solar

a lua queria era me imitar:  
ficar só em sua jaula  
em seu labirinto

## **O fantasma da velha solene**

No início  
prancha a prumo  
quem diria que a onda  
acabaria contra o muro?

O óleo seca  
dizem doutoras e antropólogas  
não deixa pistas nas mãos da múmia.  
Mas e esta cara de sangue suja  
quem disfarçará a bem da civil história?

O caderno da vida é bruma.  
Um palmo longe e se vê pouco quase nada.  
Mija-se fora da bacia por dá cá aquela palha.

Só vive o fantasma da velha solene  
que ri sem boca das esperanças  
e das pegadas que montamos na terra calada  
como artesãs da primavera.

A múmia foi uma mulher bonita.

A beleza não salva  
mas se acontece  
dizima o que assombra  
e é os olhos jovens da razão.

## **Uma canção que ainda não aprendeu a sorrir**

gostava que meus olhos de mãe  
acariciassem a cidade  
tinta de azul  
sobre a crosta cinza do muro

porém há quem diga  
que estamos precisando da morte

ouviu-se isso ontem à tarde também  
após o canto do canário engaiolado  
e depois do grito da moça  
que sofreu algemação  
quando quis exclamar algo  
de cima de um palanque

mas não se proclama tal necessidade  
assim diretamente  
pois na cuia austral o regime é tê-la  
    (a morte)  
    no ar  
tão sutil quanto uma areia sem grãos  
uma ameaça transparente

sabemos que esse é o erro  
nossas pernas também sabem  
portanto tremem tremem  
tremem também as pálpebras das meninas

quem irá descolar nossas cabeleiras do piso?  
qual é o líquido mais pesado  
nesse copo que o genocida carrega?

não saberíamos dizer ao certo  
pois nossas marcas  
peças de nós  
estão agora dispersas por toda parte

e o eco do chicote rasga  
o que restou da poesia  
de uma pele à espera de abrigo

agora penso no passado  
em você  
em nós dentro dele  
como quem está sobre uma colina  
à espera do vento

assim fugimos  
um pouco da prisão  
sem reconhecer  
todavia  
aquele azul  
meu carinho  
um leve sol escorado no muro

percebo nesses instantes  
que a terra calada tem um cheiro  
que parece aquele  
que vem de dentro de mim

estou grávida de uma canção  
que ainda não aprendeu a sorrir  
mas se parece muito com a chuva

a chuva e seus pequenos dedos  
fecundos e infantis

## **Brejo das almas**

Até onde iriam meus olhos  
no depois de tantas casas  
que escorrem pelo monte  
com dentes de ocre  
no laranja horizonte?

Até onde iriam meus olhos  
nesse longe que pare as gerais  
ainda com uma crista  
de neblina musical?

E para lá dela o que é  
o sem-muro que liberta a palavra aventura  
dos confins da saudade...?

Meus olhos de flecha rosa  
te buscam, sublunar e perdido,  
para pintar o meu rosto de flores.

Por enquanto és este campo  
de renitente invernal  
onde me deito longínqua  
e descanso o corpo  
no ar sob o vestido  
certa de que em breve serás

o meu presente, a primavera.

### **Na avenida W3**

a avenida passa a mão  
em meus cabelos de ontem  
desemaranha-os

enquanto eu permaneço  
parada à espera do ônibus  
feito uma cachorra  
de boca aberta e seca

alguém passa  
em câmara lentíssima  
e diz “você está frágil”

eu respondo que é verdade  
tem acontecido tanta coisa  
e quase nada ao mesmo tempo

pode ser a doença  
ou essa resignação  
com seguir beijando  
bocas antigas

não no sentido de “bocas de antigamente”  
mas no sentido de “bocas que rangem”

isto é: sem a necessária e bem-vinda  
lubrificação da alegria

a avenida trata meus pelos  
como se fossem a lã  
de uma ovelha preta  
que ficou ultrapassada e cinzenta  
inofensiva e quieta

eu agradeço  
pois não deixa de ser uma forma  
de carinho  
comigo e com meu povo  
que não existe mais

no fim do dia  
num gesto de louvor  
estenderei os braços de meu cérebro  
a Jean Michel Basquiat

que terá ouvido falar de Niemeyer  
sem saber direito  
pra que serve tudo isso  
tão bonito e humano  
que de graça me oferece  
com donaire e como consolo  
a avenida

## O aparecimento do pirilampo

A pergunta sobre  
se amanhã haverá  
trabalho e como trabalharemos.

Sabê-la é como aguardar  
que a tarde laranja e metano  
não se converta no mundo obscuro.

O esforço livre de criar uma moldura  
Lábil e te ver pensar o destino  
numa cidade arruinada.

Tuas mãos abertas  
na noite fria.

Eu procurando no mundo  
a parte mais vizinha de ti.

Meu fôlego que some  
quando vejo de dentro  
de tuas mãos decolar um pirilampo.

– Que trabalho há?  
Perguntamos juntos. – É só.  
“É o amor”: alguém que passa responde

enquanto viaja avante  
doce e sagrada  
a mínima luz titubeante.

## O anfitrião anfíbio

O seu quase silêncio descomplicado  
apenas disse  
“mecê chegue,  
se abanque nesse meu colo  
de homem”.

E os meus dribles da berlinda  
se desencantaram  
cismaram  
quase pifaram.

(Quero entrar n’outra estância de lua,  
mas a sua constelação é que me chama:  
o imã de carne do anfitrião anfíbio).

Foi aí que a mãe da noite  
desceu para o corpo  
desde o sótão da mata  
como um mandamento ágrafo  
que por fim domou toda intermitência  
das águas que eu carrego.

“Dança?”  
você me disse  
já na margem  
com a mão estendida  
num meio banho de abismo.

(Eu tenho sorte e agora temo as águas  
que passeiam meus joelhos.)

Você fez com a mão:

“O fundo  
o mundo  
molhado do amor?”

Eu tinha, porém, boca:

“Não. O sertão é o mundo...”  
e marchei ao revés  
de mãos caídas.

Estava de novo  
no olho da rua.  
Incandescente  
seca e livre.

Só.

Dentro de minhas retinas  
– espelhos do gris da lua –  
era apenas  
o salto rosáceo do boto.

## **Conseguimos conquistar com braço forte**

uma guerra de verdade

é existir

com poucos tostões

contados a custo

passageira de uma nave

que cai em direção ao puro mal

sem botões a apertar

sem botes salva vidas

sem ninguém que entenda

o que dizes no teu brasileiro

mas os homens conhecem a tua língua

apenas fingem que chegas

de um país

distante

com emblemas demoníacos

nos jaquetões

não se dão ao trabalho de te abraçar

nem por fingimento

(nem com máscaras de oxigênio!)

eles bebem

não te convidam “carrapato

rói a vida” ( de quem mesmo?)

e vivem do sal de teu sorriso  
vergado ao sol  
    como um metal  
    que esbate a luz  
    das ruínas doloridas

é aí que alguém vindo de dentro  
do oco do mundo  
desbasta os girassóis e grita:

– Ela tem uma pistola!

como ninguém ouve a voz  
do diretor dizendo “corta”  
concluímos resignadamente  
que estamos sem dúvida na América do Sul

e fechamos as pálpebras  
de prata  
que guardam olhos pensos

o tiro vem algum tempo depois

mas a História  
registrará tudo isso  
sob o signo da indiferente simultaneidade

## **Terra calada**

Porque não sabia  
como te encontrar

alimentei outra vez  
a cidade com meus pés.

Deslizei vias e demorei  
descosendo a espera.

Ficou só o núcleo:  
a busca, muda palavra,

de que surge uma cerâmica.  
Poesia em forma de rosa.

Uma gota minha;  
pequena fruta de luz

homenagem ao longe  
do teu perfume.

## **A estrangeira**

Às vezes  
quando me tratam  
dessa maneira

em ocasiões solenes

tenho a impressão  
de ter ouvido  
a expressão

“a paciente”.

## Conversa com a estátua

Fica aí algumas horas.

“Dias?”

Não. Ninguém tem mais  
tanto tempo assim.

A estátua não se moverá  
para mostrar-te a sua humanidade.  
A pedra será o que não és?

E quanto aos lírios do campo,  
às aves do céu? Eles existem  
sem a razão e são o dia, o voo.

O dia, o voo, que em ti  
se arrastam como ruína  
instrumento sem certeza –  
tanto sangue no leito do rio.

Quem, afinal, contempla?  
Quem espera consolação?

Sabes, assim estupefata,  
que tua liberdade, que tua solidão  
devem, por força, fundir-se  
com a fome que não é tua.

– Estou admirando, irmã,  
todas as tuas tentativas  
de ingressar na realidade!

## **Deitada no jardim**

Quando você se deita  
na relva de palha  
para olhar o céu de junho  
percebe  
o quanto seu corpo está longe  
do mundo que treme  
orgânico sob suas costas  
sem jeito de palavra.

Você pode até tentar.  
Articula uma sílaba  
abre bem  
os olhos a braguilha  
espera que algo natural  
lhe aconteça  
num espaço qualquer  
do seu órgão mais respeitável.  
O ventre vai e volta dando azo  
ao ar sincero que lhe atravessa  
como o sabre do ano-bom.

Acontece de você lembrar.  
Acontece de você esquecer.  
Só os seus documentos a vinculam  
às fronteiras que escolheu sua vida  
para caminhar como formiga dentro delas.

Apenas acontece.  
Mas porque você é mulher  
acontece como uma educação.  
Com paus, pedras, vontade, consciência e dor.  
Apenas acontece, mas não como a tempestade.  
A diferença é saber o significado de “apenas”.  
E aí você tem a liberdade de dizer  
que nada lhe é apenas orgânico, natural, sincero.  
A liberdade de dizer que tudo lhe pertence  
como este pasto queimado que amanhã  
o amor deveria devorar esperando  
que haja força, haja vida e haja sorte.

Alguém passa e ri de você  
deitada na palha seca do jardim público  
dizendo que ali  
não é bem um lugar de moça feita.  
Dizendo que ali era o lugar perigoso  
de um gozo selvagem e da desordem.

Mas ali, você sabe, mulher:  
ali era o lugar de brotar certo país  
mais forte que a concordância.

## Nó na garganta

Estar nua.

Em nenhum outro canto do mundo  
faz pleno sentido estar nua.

Apenas nesse endereço enroscado no dedão do pé:  
“vinda do país preto do Brasil”.

Noutra parte, protegeria as orelhas com as mãos  
abriria o vão da minha boca – assim ó –  
e os olhos seriam sóis de breu e susto.

Brasileira agora já não sou grito.  
Pergunta de pedra sim.  
Uma pedra que é forte e preta e não desaparece.

Estar nua  
nesse país frio  
com o repique de balas afundando-nos pelo ralo.

Esse é o anti-milagre provisório.

Além de morrer  
é isso que me dá um nó na garganta.

## O piano

menina eu via  
no meio bruto da grande casa  
o piano sobre o tapete de vaca

preto sempre em silêncio o piano

eu chegava perto daquele pômulos frio  
escutava o seu silêncio

o silêncio daquele piano era a voz de minha mãe  
que trabalhava sem cantar  
para dar química a cheiros de cozinha

até que o trabalho parou  
no hospital  
no cemitério

eu menina chegava perto do piano  
aquele seu silêncio escuro  
aquele seu peso sobre o tapete  
era a voz da minha mãe calada

que nunca mais voltaria viva  
ao meio bruto da grande casa

## **Epílogo**

Por você destruí  
minhas frases mais livres.

Fui um átimo essa mulher sem boca.

Mas o fim é um só grafema  
que nos pede  
a bem da vida  
a lâmina da compaixão  
e o cheiro da tangerina.

**OUTROS POEMAS  
DE DISTÂNCIAS**

## **País**

Uma cidade árida no mar alto.  
O teto é baixo  
e o poço profundo.

No centro da praça  
tão distante da voz  
está uma cadeira:  
o trono do inaceitável.

Frio poeira mordança.  
Maré violenta por todos os lados.  
O que esperamos  
nas cenas seguintes?

A nau que não afunda  
nem navega.  
As sereias da seca  
que te presenteiam flores  
trazidas do sol do inferno.

O inaceitável se senta  
com o peso de uma estátua.  
As bordas da praça emborcam.

Aí nessa fronteira de fossa  
é onde assistimos.

Nós: belos e tristes  
antropofagicamente afogados.

## A rua do Merca-tudo

*não permita Deus que eu morra*  
Antônio Gonçalves Dias

Ei, vem-de-lá, ei, vem-de-cá,  
ei, vem-de-cá, ei vem-de-lá...

As triviais expectativas  
dos especialistas caducam:  
aqui a vida  
não passa vertiginosamente.

Ela aparece-nos.  
Tanto quanto  
de modo comovente a desejamos.  
Sucessão muito lenta de fotogramas:  
podemos contemplar com alguma razão  
na memória  
o homem ruço que dizia  
“a enorme coleção de mercadorias”.

Ei, vem-de-lá, ei, vem-de-cá,  
ei, vem-de-cá, ei vem-de-lá...

Os jovens cantam ao rés do chão  
em coro como personagens populares  
de uma comédia sobre o pregão.

Nalgum lugar distante o sol incide  
das primeiras horas da manhã  
aos instantes derradeiros da noite.  
Cabe-nos aqui tão só o basculante  
metáfora do violino incansável.  
Corte a estilete no silêncio.

Em qualquer estação o frio é abrasivo  
neste beco de poucos passos  
a que chamam nesta capital  
– faz mais de trezentos anos –  
de “a rua do Merca-tudo”.

Ei, vem-de-lá, ei, vem-de-cá,  
ei, vem-de-cá, ei vem-de-lá...

Via estreita e de mão dupla  
onde servem milhões.  
Onde cabem tão poucos.  
Do lado de cá o gorjeio do bicho  
é frio e acre. Isso ocorre  
contumaz aos sabiás  
que se exilam cordialmente.

Esse pio é um colo nos dias  
de desenraizamento.  
Gentileza é fumaça.  
A fé na juventude  
dentro da rua é forte  
com suas ancestrais

notas de luz  
as suas bandeiras  
de outros taninos.  
Quem queria esses corpos  
trancados a sete chaves  
numa água-furtada  
da rua do Merca-tudo?

Ora, pois: eis que os quer  
a cidade. Mas para o seu  
naípe de constrangimentos  
impostos. Uma autoridade  
que busca inscrever-se  
no corpo como fatalidade natural.  
A insubmissão sem bússola  
dos pecadores não deixa  
na hora “H” da pia batismal  
a chance da pergunta:  
“De que me defendo?”

Ei, vem-de-lá, ei, vem-de-cá,  
ei, vem-de-cá, ei vem-de-lá...

É madrugada. Nunca é tão tarde  
para a fraude. Passa o barco  
que não recupera ninguém.  
É preciso caminhar,  
mesmo aos que não sabem  
nadar – é preciso caminhar.  
“Circulando...!”

Bulam martelos  
contra a própria cabeça.  
Uma tocata política  
alça raso um voo.  
Passa o cortejo  
fúnebre do carnaval.

Ei-los os jovens,  
sentados, de dentes cerrados,  
Ei-los que cantam.  
“O poder hoje não educa”.  
O prato do dia são os corpos.  
Os corpos livres  
como crime e castigos.

Veja: estamos falando de tantos.  
Argumentam  
que se trata de pessoas  
adultas vivendo  
em terra estrangeira.  
As primaveras  
não são recicláveis  
e nem têm boca de donzela.  
Nos fins de tarde,  
a bela jornada  
conclui seu quefazer  
com excelência e indiferença.  
Que há na vitrine a entender?

Ei, vem-de-lá, ei, vem-de-cá,  
ei, vem-de-cá, ei vem-de-lá...

Apenas comprei os óculos escuros  
e começou a chover.  
Uma chuva que atravessou meus olhos  
como um regato de dentro para fora.

“A Albânia para os albaneses!  
A Albânia para os Albaneses!!”  
E o fundo do mar  
para todos  
que queiram um lugar.

Se o globo pentecostal  
move-se tão ligeiro,  
cada um que assuma  
os riscos da própria proteção.  
Monte com a ponta dos dedos  
a própria milícia, da matéria  
de seus medos.

É prático, como dizem:  
retira-se um dia de dentro do dia.  
E assim vive-se; a três por quatro  
e sem direitos.  
O leão que nos amassa  
a cada volta da Terra sorri.  
“Pensa rápido”: a morte talvez  
se avizinha com pressa.

Ei, vem-de-lá, ei, vem-de-cá,  
ei, vem-de-cá, ei vem-de-lá...

Que *cazzo* cantam esses jovens  
na Rua do Merca-tudo?  
A parte mais íntima  
das dívidas permanece.  
O tapa é só um barulho.  
“Barulho nada resolve”.

O espelho translúcido  
em que, pedra,  
te enxergas  
reflete o todo  
de um corpo  
que não filtra mais.

És a palavra solidão  
na boca do velho que amas.

...e a água? e a água? e a água?  
“a água está morta”...

## **Luzes da ribalta**

muda  
a plateia  
o picadeiro a lona  
muda o mágico  
a roupa a luz  
muda a ajudante  
a coreografia  
mudam seus olhos  
de elke maravilha  
a música  
será sempre outra  
muda

só o que não muda  
o que permanece  
sempre só  
e o mesmo  
repetindo a si mesmo  
nas peles mais diversas  
como num sonho

é o coelho parido pela cartola  
o coelho com seu focinho  
de fâmulos doces

em sua testa  
pequena de roedor

ele segue a pensar  
que é a primeira vez  
e que nasceu para os aplausos

a grande sacanagem  
(aquela que não sempre percebe  
o coração do espectador)  
é que a cena ocorre nas matinês

e logo depois da exibição do globo da morte

## **A beleza da tua recusa**

*constrói o teu retrato  
de raro sal de ferro  
Olga Savary*

Na época  
em que você era poeta  
sorria  
mas não olhava de frente  
nas fotos.

Súbito o fotógrafo  
infartava. E o público  
se tornava desejo  
do objeto de desejo.

O mundo correto  
ficava de ponta-cabeça  
O circo que era doce  
acabava-se.

Por isso te espetaram  
flor do povo  
em um banco  
sobre as pedras  
portuguesas da orla  
que cheira a Inferno e Paraíso?

Por que ninguém entendia  
a necessidade a virtude  
a beleza da tua recusa?

## **A esperança**

Contrainstintivamente  
a esperança  
é uma menina azul  
apontando uma pistola  
com olhos que ardem.

Quem tem medo foge  
se abaixa grita morre  
do coração.

De repente  
ela dá uma cambalhota  
não atira  
e guarda a pistola.

Apesar do ridículo  
da cena (a turba  
em vermelha correria)  
ela não sorri.

A mão passeia  
o coldre  
e o indicador sente  
por osmose  
outra vez  
o gelo do gatilho.

## Com Pasolini em Ostia

*A rosa do povo despetala-se,  
ou ainda conserva o pudor da alva?*

C.D.A

busco teu corpo  
ou a ideia de teu corpo  
no solo

me acho só  
no desperdício da vida

se é vento no parque  
ou há vozes de pássaro  
na vizinhança  
a intenção que insiste  
alarga-se

para ver teu corpo agora  
contra o sol  
sob a anfíbia forma  
de uma nuvem

(todo mundo tem de ser  
uma estrela hoje, camarada,  
mas o futuro seria melhor  
entre rastros picadas atalhos)

visto teus óculos  
no cavalo marinho que voa branco  
apontando para os arrabaldes  
da juventude que ficou para trás

a melhor juventude que  
sempre mora noutra estação  
sempre mais distante de nós

liberto para sempre do consumo  
– esse jardim-cemitério de sonhos usados –  
de costas para a tristeza do fascismo:

é assim que reconheço teu corpo  
pandorga pedestre

intrometido  
nos signos  
pisados do calçamento  
na casca fria das pedras

agora posso  
finalmente conceber  
que és o sal da terra  
a forma sem mística  
da salvação

por isso meu coração respira  
e outra vez inclina-se  
para te encontrar

## **Preguiça da ladeira**

na ladeira dos filósofos  
não passa trio elétrico  
é proibido estacionar  
mas a polícia não multa

‘se-todos-fazem’ é o argumento  
até para os que não sabem  
o que fazem  
o que fazer

na ladeira dos filósofos  
fuma-se demais e faz frio  
a manhã não vem  
amanhã também não  
(é palavra que não se conhece)

os filósofos não descem a ladeira  
porque são estátuas  
acambetadas que teimam em caminhar

– Mão-esquerda-pra-te-que-quero!

é sempre o caso  
e vige o acaso  
na ladeira dos filósofos  
não tem virgem  
malandro não se cria  
é bom para jogar boliche

e fazer deboche  
é bom para edificar o cotovelo  
em mais um brinde  
às batatas

a ladeira dos filósofos  
na verdade  
(i.e., se a verdade existisse!)  
é uma praia  
de onde se enxerga o abismo  
safadíssimo da vida

viajar pra dentro de nós

### **Aquele não é o Münchhausen?**

Ele segue apegado  
aos velhos bilhetes de viagem.

Enquanto permanece preso  
ao brejo com um tufo de cabelos na mão.

No ano passado  
a lama estava no tornozelo.

Já não dobra mais os joelhos  
nesta nova primavera do século XXI.

Conserva no bolso do fardão,  
como num frigorífico, os velhos bilhetes de viagem.

A palavra “adeus” em várias línguas, preso,  
segue ensaiando, aprendendo, como sempre.

O último trem passou por ele  
pela milionésima vez.

## Água de meus países

Tem um gosto de fumaça  
a água  
a jusante do garimpo.

Vocês precisam também  
aprender a palavra pólvora  
para bebê-la  
por dentro  
como fizeram algumas  
de nossas antepassadas.

Contam que anda  
sobre o espelho transparente  
do paranã-mirim  
o Curumim Luminoso,  
diz-que “mercurial”.

Depois da cachaça  
Tião Dente-de-ouro foi tentar socorrer  
a visagem  
e aquela noite  
acabou só com as botas  
pra fora do bocão

da sucujubá.

## A risada de Andy Warhol

*perchè il senso  
è nel cercare il senso  
non nell'averlo trovato*

Walter Cremonte

A poesia nunca é  
como alimentar-se.

Café da manhã  
almoço e janta.  
Cada dia uma coisa.

A poesia é sempre  
escrever o mesmo poema.  
Todas as vezes que isso seja possível.

Sem parar.  
Escrever o mesmo poema  
indefinidamente.

Até que o poema se torne um ícone  
(um negócio ou produto!).  
Um ícone!

Mas isso nunca acontece.  
Por mais que o poeta queira  
ou que o acaso deixe.  
Isso não acontece nunca.

E é porque isso não acontece  
que às vezes acontece a poesia.

## **Previsão do tempo**

O oráculo  
entediado cachimba  
e silencia.

A sala de espera  
se amplia dobra  
a outra esquina.

A ideia futura  
como um rato  
adere ao bueiro.



[www.caravanagrupoeeditorial.com.br](http://www.caravanagrupoeeditorial.com.br)  
[caravanagrupoeeditorial@gmail.com](mailto:caravanagrupoeeditorial@gmail.com)  
Fone: 55 31 97306 6624  
[@caravanagrupoeeditorial](https://www.facebook.com/caravanagrupoeeditorial)

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em papel  
Cartão Supremo 250g/m<sup>2</sup> para a capa e Pólen Bold  
70g/m<sup>2</sup> para miolo, utilizando a fonte Candara,  
no 5º ano literário da Caravana Grupo Editorial.